

ESPORTES

Bruna Gaston CB/DA Press

SALTOS ORNAMENTAIS Conheça Miguel Cardoso, estreante e caçula da delegação do Brasil no Mundial de Esportes Aquáticos em Cingapura

Trote do bem para o calouro

Bruna Gaston CB/DA Press



Miguel saltará da plataforma 10m, além dos 27m do high diving

VICTOR PARRINI

O caçula de uma delegação de 10 atletas está pronto para oferecer ao Brasil um salto de qualidade durante o Mundial de Esportes Aquáticos, em Cingapura, de 11 de julho a 3 de agosto. Aos 18 anos, Miguel Cardoso conta os dias e as horas para viver, do outro lado do planeta, o capítulo mais importante de uma carreira adulta em desenvolvimento.

Calouro da turma de sete brasileiros dos saltos ornamentais em um dos eventos mais relevantes do calendário, ao lado dos Jogos Olímpicos, Miguel sempre esteve ligado ao esporte. Como um bom brasileiro, tinha tudo para se tornar jogador de futebol. Só que não. A inquietação o levou a uma modalidade na qual o Brasil sequer tem medalha em Olimpíada.

“Desde pequeno, sempre gostei de esportes com muita adrenalina, nunca gostei de ficar na minha zona

de conforto. Sempre fui aquela criança que buscava algo que acelerasse meu coração. Conheci o esporte por meio do meu irmão. Ele fazia saltos e, desde pequeno, eu olhava ele treinar e competir. Sempre quis praticar, mas eu não tinha idade. Quando alcancei, comecei a treinar no Defer, de brincadeira, aulinha, até o dia que o Hugo (Parisi) foi na minha escolha, dizendo que haveria seletiva para entrar para a equipe de alto rendimento da UnB”, relembra.

Dez anos depois, Miguel colhe os frutos na categoria adulta. Foi muito bem lapidado na base. Em 2023, alcançou o Brasil ao segundo lugar no quadro de medalhas do Campeonato Sul-Americano Júnior de Esportes Aquáticos. Sete das 26 medalhas obtidas pelo país tiveram a assinatura do brasileiro, dono de um ouro, cinco pratas e um bronze.

“Quando eu era menor, não tinha uma grande percepção de futuro. Em 2019, foi a minha primeira competição internacional, quando virou a

chavinha da mente, despertou o gatilho de que eu posso, eu consigo. Nunca imaginei que chegaria a um Mundial tão novo como estou. É um feito muito grande para mim”, celebra.

Embora esteja animado, Miguel tem a consciência de que a rotina de conquistas da base pode não se repetir no primeiro ano como adulto. É aí que entra o trabalho muito além do corpo: o acompanhamento psicológico. “Não vou descartar que este pode ser o ano mais importante da minha vida. Essa virada de chave, normalmente,

é complicada, porque você sai de uma prova juvenil, nas quais você competia e voltava com 10, 11 medalhas. No adulto, não é mais o mesmo, as provas caem pela metade, a gente se especializa no que nos damos melhor”, explica.

“A gente trabalhou bastante a questão da transição (do juvenil para o adulto), principalmente no ano passado, de que não seria a mesma coisa, de que não conseguiríamos estar sempre no topo, o que é normal no início. Um pensamento que ele trabalhava comigo era a troca de

categoria como um mar. Depois que você passa a maior onda, vem a calma. Foi o que me ajudou”, emenda.

Miguel tem intensa rotina de treinamentos do Centro Olímpico da Universidade de Brasília (UnB). Há dois anos, salta em dois períodos: das 8h às 12h, com pausa para almoço, retorno às 14h e ensaios até 17h ou 17h30.

Não bastasse ser o caçula da turma, Miguel chama a atenção por ser o único brasileiro a competir nos saltos ornamentais e no high diving, modalidade na qual é preciso saltar de 27m de altura. E há uma curiosidade. A prática mais radical costuma desafiar os mais experientes, entre 35 e 40 anos. O talento do DF está dando uma “cara nova” para as disputas.

“O high diving surgiu de repente. Comecei em 2023, aos 16 anos. No início, era difícil, a ideia não entrava na cabeça. Quando subi a primeira vez, pensei: ‘Eu não pulo daqui, não’. Isso foi na parte da manhã. De tarde, eu já estava pulando.

A primeira é sempre a pior. Depois, acostuma”, relata.

Perguntado se está mais ansioso para encarar os 10m dos saltos ornamentais ou os 27m, Miguel não fica em cima do muro. “Para o high diving, porque são 27m, dá uma acelerada a mais. Não temos onde treinar diariamente, pois não é em qualquer lugar que se acha plataforma”.

É muita adrenalina e tensão envolta dos saltos ornamentais do high diving. Porém, há algumas coisas que ajudam Miguel a descarregar as emoções. Antes de competições, o sertejo toca no fone de ouvido. Crochê também tem sido terapia e o ajuda a exercitar a paciência e precisão. Mas tem um item que não pode faltar na mala para qualquer competição.

“Tenho uma sunga que levo em todas as viagens. Uma das minhas maiores conquistas foi com ela, quando fui campeão sul-americano no meu penúltimo de juvenil. Quando competi usando-a, sempre fui bem. É a sunga da sorte”, compartilha.

FUTEBOL FEMININO

Gabi sonha em recolocar o Minas na elite

MEL KAROLINE*

Há quatro temporadas com o desejo de retornar à elite do futebol feminino, o Minas Brasília entrará em campo com o desafio de virar a eliminatória de acesso contra o Fortaleza e mudar o futuro do clube na próxima temporada. Entre tantas peças para tornar realidade a ambição, Gabi Arcanjo relembra o momento difícil vivido na temporada na qual a equipe brasileira caiu para segunda divisão. Agora, cinco anos depois, compartilhou ao **Correio** o sonho de voltar a figurar entre as melhores do país antes de, quem sabe, aposentar as chuteiras. O time candango entra em campo hoje, às 15h, no Estádio Presidente Vargas, no Ceará, precisando ganhar do tricolor.

Para o acesso acontecer, o time candango precisa vencer o Fortaleza por dois gols ou mais. Caso o Minas Brasília ganhe no tempo regulamentar por um de

margem, a decisão seguirá às penalidades máximas. No jogo de ida, realizado no Estádio Bezerrão, as visitantes triunfaram por 2 x 1, construindo a vantagem do confronto e a levando para a partida em casa. Neste ano, a Série A2 promove quatro equipes para o Brasileiro Feminino, ou seja, as equipes que vencerem nesta fase garantem a ascensão. A elite rebaixa dois. O modelo segue no próximo ano para a primeira divisão ter 20 participantes em 2027.

No sonho do Minas, Gabi Arcanjo conhece bem os altos e baixos. A jogadora mineira iniciou a carreira no Rio Preto, em 2013, no interior de São Paulo, e ficou até 2017 defendendo as cores do clube. Passou por times, como Napoli-SC, América-MG e Ferroviária até chegar ao quadrado, em 2020, para atuar no Minas Brasília. No Distrito Federal, disputou a Série A1 no mesmo ano e no seguinte,

quando o clube foi rebaixado. Na época, Arcanjo não pôde ajudar a equipe na luta para a permanência. A lateral-direita estava machucada, impossibilitada de jogar as três partidas finais.

O destino acabou separando Gabi e o Minas. A jogadora retornou para o estado natal, ao receber o convite para atuar com a camisa do Cruzeiro, e passou a temporada de 2022 com as Cabulosas. No ano seguinte, foi para o rival Atlético-MG e participou da volta do alvinegro à primeira divisão nacional. Finalmente, em 2024, voltou a Brasília. Desta vez, encontrou um clube diferente, com mais investimento e, principalmente, dentro de campo, com a comandante Kathleen Azevedo.

“É um trabalho muito diferente de todos que eu já passei”, afirmou, sobre o estilo da treinadora. “A gente está percebendo que a cada ano o futebol femi-

Patricy Albuquerque/Minas Brasília



Gabi crê no retorno do Minas ao topo do futebol feminino do Brasil

nino cresce de uma maneira até assustadora. Todo o mundo evoluiu muito rápido, aprende muito rápido. É um jogo muito mais intenso. Acho que tive isso só no começo, lá no Rio Preto. Então, eu acho que o Minas acertou em mudar completamente o estilo. Esses anos todos a gente tinha um plano de jogo diferente desse e nós não conseguimos o acesso”, analisou.

Mesmo fora da equipe, Arcanjo disse sempre acompanhar e torcer para o Minas Brasília retornar à Série A1. A tentativa atual deve ser uma das últimas aventuras da jogadora. Aos 38 anos, ela vê o fim nos gramados com proximidade. Por que não encerrar com chave de ouro? “Talvez, Deus esteja preparando algo melhor para esse ano, com

a minha volta, não sei. É um sonho que eu tenho de voltar com o Minas para a Série A. Eu já estou quase para parar de jogar. Então, um dos sonhos que eu tenho, se eu for parar já, é que o Minas esteja na Série A. Nós estamos tentando mais uma vez”, desejou.

Apesar da missão complexa contra o Fortaleza, Gabi não joga a toalha. “Nós só vamos desistir mesmo quando o juiz optar pela última vez”, assentiu ao projetar o confronto de volta. “Nós pecamos em pequenos detalhes e, nesses jogos de mata-mata, não pode errar. Então, estamos bem focadas para não errar neste duelo, porque depois não vai ter outra chance. Acho que esse é o principal desse último jogo. É o foco para tentar fazer o jogo o mais perfeito possível. Vamos lutar. Sabemos que está difícil. Fortaleza é uma equipe que dispensa qualquer tipo de adjetivo. Mas a gente não tem outra coisa a não ser lutar até o final. E é isso que a gente vai fazer. Lutar até onde der”, discursou.

*Estagiária sob a supervisão de Danilo Queiroz

ATLETISMO

Alison dos Santos comemorou uma grande vitória na prova dos 400m com barreiras da Diamond League, em Eugene (EUA). O paulista de 25 anos obteve a marca de 46,65s e desbancou a concorrência do atual campeão olímpico, o americano Rai Benjamin (46,71s). O nigeriano Ezekiel Nathaniel fechou o pódio (47,88s).

KARIM JAAFAR/AFP



TÊNIS

Bia Haddad avançou às oitavas das duplas de Wimbledon ao vencer as britânicas Jodie Burrage e Sonay Kartal, por 2 a 0, ao lado da alemã Laura Siegemund. Hoje, elas enfrentam a russa Veronika Kudermetova e a belga Elise Mertens. Luisa Stefani se classificou na chave de duplas mistas, na parceria com o argentino Andres Molteni.

VÔLEI DE PRAIA

George e André são as últimas esperanças de medalha para o Brasil no Elite 16 de Gstaad, na Suíça. Hoje, às 8h, a dupla encara a dupla holandesa Boermans e De Groot na disputa pela medalha de bronze. Último par brasileiro na categoria feminina da competição, Thâmela e Victoria cairam nas quartas de final diante das letãs Tina e Anastasiya.

SÉRIE D

A 11ª rodada da Série D do Brasileiro teve desfechos distintos para os times do DF. No Abadião, o Ceilândia foi valente mesmo com um jogador a menos e bateu o Luverdense por 1 x 0. O gol do Gato Preto foi marcado por Natan Bahia. O placar foi mesmo a favor do Mixto contra o Capital. Ceilândia e Capital se enfrentam no domingo, às 15h30.